

A “MULHER MODERNA” EM BUSCA DE SUA “ESSÊNCIA”: ANÁLISE DAS TÉCNICAS E ENSINAMENTOS SOBRE CORPO E EMOÇÃO NAS COLUNAS DE JORNAIS ESCRITAS POR CLARICE LISPECTOR

*Caroline Peres Couto e Arthur Custódio Pecini**

Cite este artigo: COUTO, Caroline Peres e PECINI, Arthur Custódio. A “mulher moderna” em busca de sua “essência”: análise das técnicas e ensinamentos sobre corpo e emoção nas colunas de jornais escritas por Clarice Lispector. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 50-67, jul. 2010. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 26 jul. 2010.

Resumo: Este trabalho analisa os discursos sobre emoção e corpo feminino a partir das crônicas de Clarice Lispector publicadas em jornais na década de 50 e 60 no Rio de Janeiro. O ensinamento de técnicas corporais, incluindo o controle das emoções, sugere a construção de uma identidade sólida de um gênero feminino frente à certeza de um gênero masculino instituído. A “essência feminina” não é entendida como um dom natural, mas alcançada através dessas técnicas que visam atribuir novos atributos às mulheres. Embora se comprometa com uma identidade feminina diferenciada, em bases “modernas” alinhadas com o seu tempo, a autora também presta contas com papéis “tradicionalmente” ligados à figura feminina.

Palavras-chave: identidades de gêneros, emoção, corpo, modernidade

1. Introdução

O livro *Correio feminino* (2006) é uma antologia de textos produzidos por Clarice Lispector, que foram publicados pela imprensa carioca em diferentes momentos das décadas de 50 e 60. Depois de realizar contos, entrevistas e traduções na revista *Vamos Ler!* em 1940 e 1941, a autora é convidada por Rubem Braga a escrever uma “página feminina” para o periódico denominado *Comício*. De maio a setembro de 1952, a autora escreve e diagrama a coluna “Entre mulheres”, sob o pseudônimo de Tereza Quadros. Lispector, casada com o diplomata Maury Valente desde 1943, temia ter seu nome de escritora desgastado nas crônicas “menos elaboradas” e passa a adotar pseudônimos.

Como Tereza Quadros, assinou algumas colunas para o jornal *Comício*. Esta personagem ganha uma identidade que irá orientar as personagens seguintes. Em carta para o escritor Fernando Sabino, Lispector a define: “Ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim”. (LISPECTOR, 2002 apud LISPECTOR, 2006: 8) Após estadia fora do Brasil, retorna ao Rio de Janeiro e continua o mesmo trabalho, só que agora com o pseudônimo de Helen Palmer, para o *Correio da Manhã*, no período de 59 à 60. A nova coluna possui contrato com o marca de produtos de beleza *Pond’s* e à Lispector é recomendado que estimule hábitos de consumo nas leitoras, sem mencionar o nome da empresa. O tema preponderante era a conquista do bem-amado através do realce da “sedução e feminilidade”, “natural de toda mulher”. Nos anos 60 e 61, a escritora adota uma nova personagem: a famosa atriz e manequim Ilka Soares, da qual é ghost writer no jornal *Diário da Noite*. Na maior parte das crônicas, Lispector escreve adaptando seu texto ao discurso comum da imprensa feminina, baseada num tom de conversa íntima, afetiva e persuasiva.

Como escritora já reconhecida, Lispector constitui diferentes identidades de gênero para as personagens e os temas das colunas deixam transparecer a própria escrita ficcional da autora. Desta forma, percebe-se que há preocupação em atribuir características reais às suas personagens, que dão o tom da abordagem. Mesmo que o perfil de cada uma diferencie o estilo das crônicas, observa-se uma convergência de temas abordados: o cuidado específico com o corpo na intenção de se manter jovem e bela; o controle dos gestos e das emoções a fim de manter a feminilidade; a preocupação com a maquiagem e a moda; além de dicas de sedução que objetivam revelar a “faceirice da mulher”.

O ponto central desse trabalho está circunscrito pela análise da formulação de um padrão identitário do gênero feminino que busca se estabelecer como hegemônico ao passo que interage com as forças predominantes que atuavam naquele período sobre os papéis de gênero[1]. As mudanças sociais que alteraram o status da mulher na época levaram a uma busca por redefinições estruturais, que passavam necessariamente pelo reencontro com a “essência feminina”. Os ensinamentos e dicas de Lispector objetivam essa descoberta que, por sua vez, revela o quanto esta é definida culturalmente, justamente pela necessidade de sua aprendizagem. Enfatizar uma “essência” pode ofuscar as multiplicidades de identidades de gêneros existentes ao tornar mais verdadeiros e naturais determinados padrões de gêneros. Além disso, a leitura das crônicas aponta para a conjuntura histórica deste período, enfatizando uma remodelagem dessa identidade feminina que é a conjugação de características tradicionalmente associadas às mulheres com as novas aptidões e posturas que são exigidas diante das transformações sociais das décadas de 50 e 60.

2 As mudanças históricas e o novo papel da “mulher moderna”

Em suas crônicas, Lispector alude ao que acredita ser o desafio da mulher moderna na década de 50: enfrentar uma dupla-jornada sem perder a feminilidade. Uma das preocupações da autora é chamar atenção das leitoras para não se masculinizarem ante o mundo hostil do trabalho. “Sejam eficientes, trabalhadoras, objetivas, mas não permitam que isso afete a sua feminilidade.” (2006, 19)

O problema enfrentado pela necessidade de trabalhar e cuidar da casa não é algo recente se considerarmos que boa parte das mulheres oriundas de setores economicamente desfavorecidos já tinha de lidar com esse desafio muito antes da metade do século XX, como nos aponta diversos estudos históricos, entre eles, o de Rachel Soihet (1989). A historiadora sustenta que na cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX, mesmo enfrentando condições austeras de trabalho, muitas mulheres já cumpriam o itinerário de trabalhar fora e ser responsável pelo trabalho do lar e pelos filhos. Isso ocorria frequentemente em virtude da difícil situação econômica em que se encontravam. Mesmo com uma baixa remuneração, os salários obtidos pelas mulheres (principalmente de classes menos desfavorecidas) eram indispensáveis por complementarem a renda familiar.

A difusão mundial da inserção de mulheres – principalmente aquela de classe média – no mercado de trabalho ganha mais expressão no período da Segunda Guerra Mundial, em razão da diminuição da taxa da população ativa do sexo masculino. (Fig. 1 e 2) Os meios de comunicação colaboraram para valorizar a participação feminina no mundo do trabalho, através de imagens de mulheres desempenhando trabalhos que eram realizados apenas por homens. A demanda da produção industrial em diversos países, acentuada neste período bélico, leva aos governos (fundamentalmente o americano) a estimularem mulheres, também de classe média, a trabalharem. A produção em escala foi amplamente empregada principalmente pela necessidade de exportação para outros países envolvidos diretamente na guerra. O tema do trabalho recebe atenção nas crônicas, sendo associado à emoções positivas e a uma tomada de posição na sociedade. Helen Palmer escreve para o *Correio da Manhã* sobre a relevância de se manter trabalhando:

“Folgar é se desencontrar da ventura. A felicidade pertence aos laboriosos; o amor é daqueles que trabalham e, se por acaso existe alguém que maldiz a necessidade de todas as necessidades; a pobreza, para ver-se livre dela só existe um caminho, o trabalho!” (LISPECTOR, 2006: 44)

O trabalho passa a ser um objetivo de afirmação dessa identidade feminina, não é mais somente uma questão de necessidade econômica. A “mulher” de Lispector não abandona suas atividades, pois são fundamentais inclusive para encontrar a felicidade.

No início da década de 60, com o chamado “anos dourados” do capitalismo, o mercado apresenta uma profusão de eletrodomésticos e produtos estéticos direcionados ao público feminino, consumidos, em sua maioria, nas grandes cidades. O *american way of life* ganha dimensões mundiais atingindo também o Brasil, e boa parte da classe média adapta-se a esse novo estilo de vida. Esses produtos são simbólicos no que diz respeito a esse novo tempo que exige das mulheres a conciliação da vida do trabalho doméstico com sua inclusão no mundo público: o tempo se comprime e com a ajuda desses produtos, as mulheres se reafirmam como modernas donas de casa, que estão em dia com os afazeres domésticos e com o trabalho fora do lar.

Lispector apontava o dever de apelar a todas as possibilidades no intuito de se manter/tornar bela. Afinal, em seu período, os recursos e produtos de beleza estavam sendo produzidos em massa:

“Com todos os recursos que temos nos dias de hoje, a mulher não pode ser feia, e só será se quiser, deliberadamente. Mesmo para a feiúra irremediável – como se dizia antigamente – há recurso. A cirurgia plástica consegue corrigir a maior parte dos defeitos e os cosméticos apropriados são capazes de esconder cicatrizes no rosto e outras deformações.” (Ibid.: 19)

Historicamente, no Brasil, o ato de embelezar-se passou por diversas fases, e as definições de beleza, feiúra, saúde e doença ganharam diferentes significados em cada período. Na década de 50 – de forma oposta aos anos 30, quando a feiúra era considerada uma questão de doença – o embelezamento passa a ser um direito inalienável de toda a mulher: não há nada impossível se forem aprendidas as técnicas corretas. (cf. SANT’ANNA, 1995) É também nesse período que surge uma variedade de revistas e de jornais tratando de questões concernentes à beleza. A historiadora Sant’Anna descreve a década de 50 como uma época de ebulição publicitária quando se passa a representar mais frequentemente essa mulher comprometida com a sua beleza, dando ênfase também ao uso integrado à vida cotidiana dos produtos de beleza, fácil de carregar e de aplicar tanto “(...) nas ruas, dentro de casa, nos locais de trabalho (...). Não há mais um momento especial para se fazer bela já que todos os momentos devem ser conjugados com um trabalho sobre si mesmo de conquista da beleza e de prevenção da feiúra”. (SANT’ANNA, 1995: 135) Confirmando o argumento da historiadora, a personagem Helen Palmer, ao divulgar os benefícios do uso cotidiano dos produtos de beleza, finaliza em sua coluna:

“Já conheço o seu argumento, que muitas vezes tem sido o meu: não temos tanto tempo assim. Mas é surpreendente como toma pouco tempo uma coisa feita pouco a pouco: um pouquinho cada dia.” (2006: 20)

Já na década de 60, as imagens publicitárias refletem um novo paradigma da beleza: ser bela é, antes de mais nada, gostar e sentir prazer em se cuidar e prestar atenção ao próprio

corpo. O processo da chamada “revolução sexual”, com o advento da pílula anticoncepcional, possibilita que o corpo seja regido pelos desejos, gostos e vontades das mulheres.

Comparativamente, as mudanças da década de 60 são mais intensas em relação às décadas anteriores, quando a beleza era tratada como uma preocupação de higiene e limpeza do próprio corpo, um processo encarado como doloroso. Na medida em que os cuidados perdem o caráter médico, inicia-se uma nova fase: de preocupação com o bem-estar próprio e de elaboração de estilos de vida urbanos que prezam pela individualidade e dão sentido a essas práticas[2]. Um campo muito particular da beleza feminina engendra-se, arregimentando mulheres em torno dos novos produtos criados pelas indústrias de cosméticos e de novas formas de sociabilidade e representação através do consumo destes. Nos jornais e nas revistas as propagandas de cosméticos são figuradas por modelos e artistas em poses de prazer e sedução. (Fig. 3 e 4) Matérias são produzidas pelos “conselheiros de beleza” que abordam de forma intimista e mostram que a beleza deve ser descoberta interiormente em cada mulher, estimulada pelas experiências e sensações que o consumo dos cosméticos, das roupas da moda e dos eletrodomésticos proporcionavam. (SANT’ANNA, 1995: 135)

Os “conselheiros de beleza” ocupavam posições relevantes, indicando as últimas tendências, propagandeando os novos produtos disponíveis e elaborando assim novos estilos de vida. Seu papel ajuda a pensar como essas representações e identidades femininas são construídas numa esfera idealizada, que se quer unívoca e estruturada. Pensamos, no entanto, que a realidade exige certa flexibilização da própria identidade, que por si mesma não pode ser considerada como acabada, ela é situacional e relacional. (CUCHE, 1999) Ou seja, embora essa análise sobre o surgimento deste campo sugira uma univocidade das identidades femininas, sabemos que o próprio espaço urbano está permanentemente produzindo processos de diferenciação. Percebemos que a consistência do padrão da identidade do gênero definido por Lisspector se constitui numa ambigüidade: ora sendo compreendido num padrão genérico e coletivo, ora por uma diferenciação identitária, o que ressalta a importância de cada uma criar o seu próprio “*sex-appeal*”. Diante dessa aparente contradição, entendemos que, na modernidade, o indivíduo passa a ser encarado como unidade básica da vida social, sendo valorizado por seus aspectos singulares, mas também pela possibilidade de vivenciar uma igualdade política e social (VELHO, 1995). Assim, uma hipotética homogeneidade de uma identidade de gênero pode ser vivenciada, experimentando a sensação de pertencimento ao coletivo, ao mesmo tempo em que o indivíduo ganha destaque por sua singularidade e é chamado a descobrir sua própria “personalidade”.

3 A busca pela “essência feminina”

A “essência feminina”, nestes textos de Lispector, é transmitida pelos ensinamentos de técnicas que envolvem uma redobrada atenção aos gestos e atitudes próprios da “mulher bela e elegante”. A autora infere às leitoras técnicas corporais que consolidam uma identidade padronizada, delineada por práticas que dependem, antes de tudo, de uma reflexão emocional e social. Muitas são as vezes que Lispector convoca as leitoras a se pensarem e a buscar a beleza através da felicidade: “Ser feliz... para ser bonita”. (2006: 24) A reflexão sobre a realidade vivida é fonte primordial de beleza.

“Adote uma filosofia otimista, eduque-se para ser feliz. Você o conseguirá. E verá o milagre em sua própria face, nos olhos que adquirirão brilho e vivacidade, na boca que perderá o rictus amargo e ganhará umar jovem, na pele outra vez clara e macia.” (Ibid.: 24)[3]

As crônicas possuem claros fins didáticos, algumas recebendo o nome de “aulinhas”. Isso demonstra uma acentuada reflexão do que é ser “mulher” e a necessidade de ser uma “mulher esclarecida”, nos próprios termos da escritora. A racionalidade é um novo elemento que contribui nessa busca pelo ideal de mulher, agora definida pelo tripé beleza, elegância e inteligência. É preciso cultivar “hábitos” a fim de seguir o “programa de beleza” sugerido em uma de suas crônicas. A congregação desses elementos resulta num ideal de mulher que traça estratégias quando deseja desempenhar bem esse papel de “faceira”, “discreta”, “esclarecida” e “sedutora”, mas “sem vulgaridade”.

“Digo-lhes que ‘esclarecida’ é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo seu valor próprio, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.” (Ibid.: 18)

A “mulher esclarecida” procura refletir acerca de suas ações e está em consonância com o mundo moderno, se atualiza através das revistas e é atenta aos acontecimentos em sua volta, além de analisar de forma racionalizada e consciente seus trejeitos e mudanças em seu próprio corpo. (“A cintura não poderia ser esquecida, ao se observar que ela engrossava prematuramente...”) (Ibid.: 24)

Todas essas preocupações devem fazer parte do cotidiano da mulher moderna, que não é, no entanto, “fútil”. Esta, segundo a escritora, “não tem que trazer necessariamente um diploma ou um título, mas conhece alguma coisa mais além do seu tricô, dos seus quitutes e dos seus ‘bate-papos’ com as vizinhas.” (LISPECTOR, 2006: 18) E completa com a afirmação: “(...) a futilidade e a fraqueza é superada pela mulher esclarecida.” Como escritora, não renega a importância de ler e de se manter informada para além das revistas de fofoca. Conhecer o que se passa “no campo das ciências, das artes, da política” é relevante na vida da mulher “moderna”.

A nova “mulher” descrita por Lispector deixaria de ser uma figura passiva, responsável pela casa e família e passaria a um papel de protagonista ao lado do marido e dos filhos,

tornando-se indivíduo ativo e consciente da sociedade em que vive. Esta também tem a percepção racionalizada de sua posição social diante das demais relações de poder que a cercam: de “escrava” a “companheira” do marido, tem inserção na vida pública a partir da instrução e da afirmação de seu “valor próprio”. A “mulher” “discreta” e “elegante” se contrapõe às possibilidades negativas de ser “mimada”, “vulgar”, “escrava”, “passiva”, configurando um padrão ideal do gênero diante da multiplicidade possível. O que se nomeia como “essência feminina” é uma seleção de características e qualidades culturalmente valorizadas socialmente. A naturalização dessa “essência” por Lispector é uma tentativa de afirmar estas qualidades como superiores diante das outras. O que é visto como “natural” e originário do próprio corpo, é de fato criação cultural, manipulado na tentativa de legitimar a própria definição. Simone de Beauvoir (1980), ícone do movimento feminista, já indicava em 1949 para esse fato, declarando que “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Em seu discurso, Lispector mescla um posicionamento moderno e também conservador, por vezes inibindo mulheres de pensarem novos comportamentos, outras identidades.

“O fato de uma mulher ser livre, não implica que ela deva libertar-se também dos liames da moral e pudor, que são, afinal, embelezadores da mulher e, portanto, indispensáveis à sua personalidade. A mulher esclarecida sabe disso. Ela estuda, ela lê, ela é moderna e interessante sem perder seus atributos de mulher, de esposa e de mãe.” (Ibid.: 19)

É muito comum encontrarmos nos seus textos, conselhos para as mulheres não se enfiarem repetindo comportamentos entendidos como masculinos. Segundo a autora, este é um mal comum que o tempo moderno traz. Desta forma, a polarização entre aquilo que supostamente seriam os padrões dos gêneros masculino e feminino se mantêm:

“Os tempos modernos trouxeram a emancipação da mulher em quase todos os campos. Eis um grande bem. No entanto, muita confusão se faz em torno disso e o que se vê é que muitas representantes do sexo feminino entendem que ser emancipada e ter personalidade marcante é imitar os homens em todas as suas qualidades e defeitos.” (Ibid.: 100)

É interessante observar que no Brasil, somente em meados dos anos 70, o movimento feminista despontou, e que muitas militantes, reivindicando uma igualdade perante os homens, passam a se comportar como eles. (SARTI, 2004) Prematuramente, poderíamos entender o argumento de Lispector como anti-feminista, visto que impõem alguns obstáculos para pensar mais amplamente o “ser mulher”. Contudo, contextualizando o período em que escreve, entendemos que Lispector inaugura uma etapa importante para as mulheres, se notarmos que há sensíveis mudanças nessa nova construção identitária de gênero frente a papéis assumidos por mulheres em gerações anteriores. A ênfase positiva à inserção das mulheres no mercado de trabalho – antes restrito aos homens – e a valorização da sua individualidade a fim de encontrar a beleza própria, são indicativos de que Lispector propunha novas formas de pensar a “mulher”, provocando uma tensão na posição entre gêneros. Por exemplo, o uso

da astúcia e de artimanhas estrategicamente pensadas que as levem ao que desejam, em detrimento da impulsividade emotiva, passa a ser atributos femininos. O discurso de Lispector está repleto de orientações que preconizam dissimulação, a diplomacia e a delicadeza como "táticas" femininas. A mulher deve ser "esperta", controlar suas emoções para não perder de vista a conquista do homem e sua "pose elegante" frente à sociedade. A "mulher" ganha atributos antes mais relacionados ao mundo masculino, que compreendem a "frieza" de tomar uma atitude dissimulada inclusive em situações desconfortáveis. A razão e inteligência passam a ser grandes aliadas da "mulher" ideal de Lispector, que não perde a compostura em nenhuma ocasião.

Se por um lado características comportamentais femininas e masculinas borraram seus limites, as delimitações entre as identidades de gêneros hegemônicas se apresentam bem defrontadas no argumento de Lispector, que acredita que "a mulher deve ser primeiro que tudo feminina", diametralmente oposta à figura do homem. É interessante observar como seu discurso se sustenta mesmo quando está assentado em eixos que podem ser encarados como contraditórios como a inovação da "mulher emancipada" e "esclarecida", que também é composta pelos seus atributos de "esposa" e "mãe", voltados para a moral e o pudor. O que é aparentemente uma contradição se apresenta como um universo único e coerente.

É essa formação aparentemente contraditória que nos levou a observar que, se por um lado a intenção das colunas é reencontrar a suposta "essência feminina" inerente ao corpo, por outro, aponta justamente para os aspectos culturais de "ser mulher", visto que tudo aquilo que identifica uma mulher como tal é passível de ser aprendido. Isso aponta para as desconstruções recentes da naturalização do gênero feminino, associado às características biológicas do corpo, entendidas como parte da natureza. As transformações do mundo contemporâneo atingem as balizas que sustentavam essa naturalização, admitindo sua passagem para a cultura. Isso se percebe pela importância que a aprendizagem dessa "essência" ganha nas colunas. Se do que falamos é algo natural, logo não haveria nenhuma necessidade de aprender. Por outro lado, o abalo da naturalidade das forças que compunham o gênero feminino – como a fragilidade e domesticidade – desencadeou a busca por novas definições do gênero – composto por novos traços, como a força, o trabalho e a razão. Contudo, para a mudança passar credibilidade e ser reconhecida, a idéia de "essência" ainda precisou ser reafirmada.

3. O corpo como marcador de diacríticos

Em muitas crônicas a autora dá ênfase ao corpo feminino enquanto estância de uma beleza que pode ser adquirida pela persistência, pela inteligência e astúcia. Para ser atraente aos olhos masculinos, o corpo feminino necessita ser moldado através de uma série de técnicas corporais socialmente estabelecidas. Marcel Mauss (1974) nos orienta a perceber que,

justamente o que aparenta ser trivial e ordinário, está marcado pela aprendizagem de técnicas que se expressam corporalmente. Essas técnicas costumam ser sutis e nem sempre o ator as apresenta discursivamente, sendo compartilhadas socialmente através de práticas não-verbais. No entanto, Lispector descreve minuciosamente todos os passos das técnicas corporais. Sobre o corpo físico, é recomendado observar a postura: “(...) se você pensa em elegância e beleza pense também que não há renda, veludo ou jóia que disfarça uma posição má do corpo.” (LISPECTOR, 2006: 104) Em seguida, ensina quatro exercícios para reeducar o corpo: observar a posição dos calcanhares, a flexão das pernas, dos braços e a flexão do busto. Ela observa que a discrição é uma qualidade que define a feminilidade da mulher que é dosada e nunca exagerada, tanto nas cores das roupas como na forma dos penteados e a composição da maquiagem. Nesse sentido, aproximamos a ênfase nas técnicas ensinadas por Lispector a um processo de disciplinarização do corpo teorizada por Foucault (1987). A disciplinarização do corpo compreende a aprendizagem de métodos que automatizam movimentos, posturas, gestos que visam o controle das operações do corpo, terminando por submetê-lo politicamente. Segundo Foucault (2004), desde a época clássica o corpo é objeto e alvo de poder, sobre o qual são investidos dois registros destinados ao controle e à correção: o “anátomo-metafísico”, que produz explicações sobre seu funcionamento, e o “técnico-político”, que se constitui por regulamentos e processos empíricos para manipulação. É através desses registros que o corpo se torna dócil, sendo aquele que “pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 2004:126) Em nossa interpretação, as técnicas corporais descritas por Lispector podem exercer um poder intenso sobre os corpos e suas identidades, mas, ao mesmo passo, podem se tornar táticas e estratégias a serem utilizadas pelos indivíduos numa subversão do padrão. Se por um lado, as técnicas limitam os corpos das mulheres e as subordinam a uma economia de poder, estas passam a ser também apropriadas, questionadas ou desaprovadas diante da evidência da não-naturalidade da disciplina corporal, quando o processo de aprendizagem fica evidenciado.

Em seu processo de disciplinarização, são investidas técnicas ao corpo objetivando principalmente a sedução da figura masculina. Lispector contribui para afirmar, neste novo período, que a beleza e o encantamento sedutor não dependem mais apenas dos “dotes” físicos naturais. É nessa época que as “mulheres modernas” passam a ser responsáveis por aquilo que são física e intelectualmente e por aquilo que se esforçaram em aprender. Sant’Anna sustenta que os anos 50 são um marco no que diz respeito às técnicas de embelezamento, pois estas passaram de um estatuto adivinhatório e quase secreto para algo sem segredos, “como se não houvesse nenhuma magia, nada que não pudesse ser calculado ou comprado. Cada mulher se torna a única responsável por sua aparência.” (1995: 130)

“(...) o homem moderno já não vai à procura apenas de uma linda carinha (...) Claro que isso influi. Muito. Mas não é tudo. Cuidado com a própria aparência, uma palestra interessante, finura, feminilidade, são dons que se podem adquirir facilmente e que fazem de uma mulher, sem nenhum dote físico especial, uma criatura atraente e até bonita. (...) O mundo de hoje é da mulher inteligente. A beleza também. E... consequentemente, o amor.” (LISPECTOR, 2006: 105)

Essa nova percepção de beleza possibilita que mulheres manipulem as técnicas corporais e estéticas a fim de atingir os seus objetivos. Anthony Giddens (1989) considera que a agência só é possível quando o indivíduo é perpetrador das ações que produzem algum efeito na realidade. Contudo, essas ações não possuem uma racionalização completa que, nos termos do sociólogo, significaria tanger os motivos estruturais das ações. O indivíduo possui uma flexibilidade mínima sobre as suas formas de agir no mundo social; suas ações são interpoladas: ora são intencionais, ora apenas monitorização reflexiva. Ser agente – no sentido de “mulher moderna” – também implica em um foco no processo de individualização, pois seu posicionamento social e seu futuro dependem das escolhas e de sua ação no presente. Isso pode ficar claro no rompimento dos limites de classe, quando a autora salienta que ser “mulher” e feminina não dependem de luxo e muito dinheiro para cuidar da beleza, mas o contrário, pois aquelas que trabalham fora são mais fortes e determinadas – características fundamentais para ser bela. De acordo com esse entendimento, o indivíduo pode enfrentar e vencer limites significativos como físicos, sociais e culturais.

A agência é intencional, apesar de muitas vezes alguns dos resultados serem imprevistos, como, por exemplo, a reafirmação de práticas institucionalizadas. Interpretamos que a tentativa de Lispector de reatualizar uma identidade de gênero, atende tanto a uma urgência de modificação diante dos novos tempos como de uma reafirmação de traços institucionalizados da figura feminina. Entendemos que uma mudança identitária intencional só é possível se o ator tiver consciência dessa possibilidade, conhecendo a plasticidade daquilo que é normalmente compreendido como inexorável.

A aparência, o gestual e a postura necessitam de controle e de cuidados que repercutem na aparência física em geral. Em várias de suas crônicas, a autora trata das “manias que enfeiam” e tiram o estatuto de “mulher atraente”. Comer muito, ser “chorosa” e se fazer de “vítima” são manias detestáveis, capazes de afastar os homens.

“os homens detestam a mulher sempre irritada, irrequieta, geniosa. (...) Procure aprender a dominar-se, a deixar os problemas insolúveis do momento para quando puder resolvê-los, a controlar suas explosões de raiva, a evitar que os pequenos dissabores a transtornem. Não seja pessimista, procure rir.” (LISPECTOR, 2006: 63)

A noção do controle das emoções que Rosaldo (1984) define como “retórica do controle”, reaparece constantemente nestes discursos que apresentam em algumas destas emoções – raiva, irritação, fraqueza, impulsividade, vulnerabilidade – atributos negativos. Essas, justamente por serem entendidas como características inatas da figura da mulher, precisam ser controladas através de um discurso baseado num modelo biomédico, similar à leitura foucaultiana sobre a sexualidade ocidental [4].

Esse modelo biomédico define quais são as formas “saudáveis” e “doentias” dessa expressão das emoções. Falar de emoção, segundo Catherine Lutz (1990) é também falar de gênero, pois a figura da mulher é normalmente associada à emoção. Expressar emoções “negativas” publicamente, por sua vez, costuma ser desvantajoso frente a processos mais valorizados como o pensamento racional, por exemplo, dando a esta figura feminina generalizada, características inferiores do que as que são relacionadas ao masculino.

“Inteligência e senso comum devem ser duas qualidades imprescindíveis à mulher. A mulher deve possuir senso de humor e dignidade e deve saber resguardar sua individualidade. A única qualidade que uma mulher não precisa ter é... lógica.” (LISPECTOR, 2006: 100)

Essa retórica do controle ajuda a reproduzir uma percepção cultural da emoção como substância irracional, fraca e perigosa. Seguindo esse raciocínio, a mulher alcançaria um status social superior após adquirir essa habilidade do autocontrole. Como vimos anteriormente, a autora já defendia o controle emocional feminino, principalmente em situações que “exigem” astúcia e racionalidade. Contudo, “a mulher” não pode se “embrutecer” e ser totalmente intelectualizada, mantendo a sua lógica feminina de não precisar ter lógica. A emoção continua a ser a chave-mestra que a define. O que se deve fazer é controlar e evitar determinadas emoções negativizadas. As emoções como a alegria, o bom humor e otimismo são salientadas, entendidas como constituintes “da mulher”, promotoras de sua beleza e saúde. “Beleza é quase sinônimo de alegria e saúde. A mulher inteligente procura sempre aparentar uma e outra – pelo menos aparentar – para manter o cetro de mulher atraente.” (Ibid.: 16)

É interessante observar a utilização da palavra “aparentar”, que ressalta o exterior em detrimento do que acontece interiormente, que pode estar relacionado tanto com a saúde física e mental. A beleza, então, seria mais primordial que a saúde, apesar formar com ela um par indissociável. O controle da aparência não é um dispositivo falso, ele é eficaz, transformador, “mágico”: “(...) a sedução prende. É coisa mágica: envolve, mesmo que não se entenda de que modo... Você pode ser irresistível sem ter beleza. Depende de você, em grande parte. Essa é a primeira aulinha.” (Ibid.: 102)

A faceirice, por exemplo, é uma técnica que se apresenta como uma forma de simulação. Ela é explicada como uma obrigação de toda mulher que deseja que seu namorado ou marido nunca perca o interesse em sua figura.

“A mulher que ama a um deles [homens] tem de fazer tudo para prendê-lo, portanto, e esse tudo é a sedução diária e constante. Eu sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo, mas que se há de fazer?” (Ibid.: 15)

Assim como outras estratégias a fim de seduzir o homem, a faceirice se define pela astúcia, a dissimulação, “armas autenticamente femininas” utilizadas para agradar os homens em muitos sentidos. Não há escolha, ela é uma “obrigação”: se o homem não encontrar

na mulher que se casou a figura bonita que o atraiu antes, pode com toda razão buscar em outras mulheres os atributos que o seduzem.

O sociólogo Pierre Bourdieu (1999), partindo da existência de uma "dominação masculina", aborda o ser feminino como sendo um ser-percebido, ou seja, sua construção simbólica e objetiva dependeria do olhar dos outros, principalmente dos homens. A construção de uma identidade "feminina" seria assim pautada pela insegurança corporal devido à dependência simbólica que se daria em relação aos homens. Desta forma, a construção do ser feminino é dada num plano ideal e relacional, provocando nas mulheres uma incessante necessidade de agradar e atrair a atenção para si. Delas se espera que sejam "femininas", ou seja, que sejam belas, sorridentes, simpáticas, atenciosas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. Bourdieu (1999) sustenta que a afirmação dos estereótipos femininos por parte das mulheres é reflexo de uma sensação de "negação de existência", e que o reforço dos "atributos femininos" informados e engendrados socialmente, lhes concederia reconhecimento dos outros.

4.As delimitações das identidades de gênero feminina e masculina segundo Lispector

Como já foi dito, o perigo da mulher fazer parte do mundo do trabalho é perder seus atributos femininos, consequência de uma vivência maior no mundo dos homens.

"Se você trabalha fora, (...) se você é obrigada a deixar de lado as maneiras delicadas e muito femininas, muito cuidado! O grande perigo que a ameaça é a masculinização dos seus gestos, de sua palestra, de seus pensamentos. É muito freqüente ocorrer isso. Mulheres que, em essência e nas formas, são bastante femininas, e, no entanto, deixam-se influenciar pela linguagem e pelos assuntos áridos do mundo dos negócios. (...) Onde terão ficado a antiga coqueteira, a graciosidade que dantes as tornavam o centro das atenções masculinas? Quando conversam, já não sorriem, as frases são objetivas, geladas, e nenhuma acolhida cordial aproxima-a do seu interlocutor." (LISPECTOR, 2006: 19)

Assim, o corpo da mulher seria essencialmente delicado e gracioso, aspectos que o definem, engendrando e hierarquizando as identidades de gêneros. Essas identidades femininas seriam a oposição a tudo que é considerado masculino. Os homens seriam compostos pela racionalidade, objetividade e seriam aqueles sujeitos que não necessitam de definições sobre seus corpos.

O discurso nas crônicas de Lispector sobre a identidade masculina aparece também como essencialista, definindo a identidade do homem como algo imutável e já delimitado, natural e biológico. "A mulher moderna sabe que, apesar da evolução das ciências e das artes, o homem continua o mesmo, e o principal atrativo que encontra na mulher é a sua aparência

física.” (Ibid.: 15) Lispector enfatiza que o homem essencialmente continua o mesmo, abrindo caminho para as mulheres se enveredarem na busca pelo “ser feminino”.

Se por um lado, o gênero feminino é aquele que necessita de controle das emoções, dos gestos e da aparência, o gênero masculino se define como aquele que naturalmente é hábil no controle corporal. Nesse ideal de gênero masculino hegemônico, a emoção simplesmente não existe, numa economia significativa falocêntrica que termina por excluir tudo o que é associado ao feminino (BUTLER, 2003: 29). Em uma das crônicas, Lispector traz o comentário de um homem: “A mulher, enfeitando-se, cumpre um dever; ela pratica uma arte, arte delicada, que é mesmo, até certo ponto, a mais encantadora das artes.” (2006: 15) Na interpretação de Simone de Beauvoir, só o gênero feminino é marcado corporalmente, enquanto o gênero masculino e a pessoa universal se fundem em um só gênero, ou seja, “os homens são interpretados como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo.” (BUTLER, 2003: 28)

Butler (2003) afirma que, se por um lado os gêneros são construídos pelos significados culturais assumidos pelo corpo, o sexo também não deve ser encarado como algo natural e determinado. A binaridade do sexo é uma construção, possui uma história que é fundada através da ascensão e a conformação dos discursos da ciência como uma narrativa da realidade. Se as múltiplas possibilidades de identidades de gênero tivessem ganho um estatuto primordial na vivência cultural antes de um aprofundamento do estudo da “anatomia” do corpo humano, possivelmente pensaríamos hoje em termos de comportamento e orientações sexuais como padronizadores de identidades de gêneros ao invés de caracteres puramente “biológicos” e anatômicos do corpo. Na visão de Butler, naturalização do sexo é um pré-discurso que oculta a própria construção discursiva que fundamenta socialmente sexo e gênero.

O corpo é o local onde a cultura arbitrariamente aponta como morada dos elementos essencialmente femininos; o homem é relacionado à mente, abstrata, racional e não marcado fisicamente. O corpo significaria a concretude do gênero feminino, inevitavelmente marcado pelas diferenças do seu sexo que são visíveis nele. É interessante observar que no comentário masculino que Lispector traz para as leitoras é a figura do “homem” que expressa essa arbitrariedade cultural, informando às mulheres orientações de como proceder corporalmente. Como lembra Lispector, “os homens são, quase sempre, mais discretos e têm horror ao espalhafato” (2006: 16) o que reafirma que o gênero masculino é aquele que tem autocontrole das emoções e das técnicas corporais, conferindo um status social destacado àquele que reclama essa habilidade. Em outro exemplo, a escritora ensina que é preciso ter discrição, pois os homens “detestam as mulheres que se destacam demais (...) já que não lhes é agradável ficar ofuscados ou relegados a um plano inferior.” (Ibid.: 17)

Bourdieu declara que “as mulheres, que foram constituídas como seres dotados de gênero pelo mundo social, podem contribuir para sua própria dominação” (1998: 14), pois defende que as primeiras se definiriam a partir e pelo olhar de uma identidade masculina. A

ênfase na reconstrução de uma “nova” identidade feminina, indica a condescendência da autora sobre a posição hierárquica subalterna que muitas mulheres ocupavam. Contudo, ela mostra que “a mulher” também pode influenciar o marido e não apenas o inverso:

“As mulheres têm e deverão ter grande influência na vida do marido. Há um ditado antigo e pouco original que diz que ‘a mulher que faz o homem’. Nada mais verdadeiro, pois a esposa com seu amor e capacidade de organização, pode ajudar o marido a subir na vida, fazendo com que ganhe mais confiança em si.” (LISPECTOR, 2006: 88)

Além disso, por ter trazido à tona minuciosamente técnicas corporais entendidas como femininas, as crônicas imputam maior reflexão dos atos, gestos e comportamentos às leitoras, possibilitando a elas até mesmo questionamentos e/ou rejeição de aspectos que antes eram entendidos como naturais, o que possibilita também a subversão desta dominação. O estabelecimento de uma hegemonia se faz num cenário sempre dinâmico; a percepção de estática que a idéia de hegemonia pode transmitir esconde relações de poder complexas, que atribui diferentes sentidos às lógicas sociais reinantes. Uma amostra disso fica por conta do medo de Lispector de encontrar resistência entre suas leitoras frente a árdua tarefa de seduzir diariamente seus maridos: “Sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo, mas que se há de fazer?” (Ibid.: 15).

A exaltação de certos atributos femininos acentua o duplo caráter de uma "dominação masculina", podendo chegar à sua subversão. Essa redefinição da “mulher” trazida por Lispector é muito relevante pela incorporação de novas idéias, retirando a figura feminina do papel submisso e dependente que ocupavam em relação aos homens. Com a nova possibilidade de serem ativas e autônomas, a revisão desse padrão ideal de gênero feminino força o deslocamento do ideal de gênero masculino, não mais dominador e definidor da identidade feminina. Isso permite que se extrapole a relação de dominados e dominantes, pois evidencia a relação de dependência que ambos possuem para existirem. Os novos atributos femininos definidos por Lispector idealizam um padrão hegemônico do gênero feminino que por sua vez estabelece relações de força com padrões externos, tanto os institucionalizados como que desejam se estabelecer. A criação dessa “mulher moderna” ideal tenciona práticas e comportamentos considerados ultrapassados, fúteis e anti-femininos, derivados de perspectivas consideradas limitadoras, tanto por parte de mulheres como de homens.

5. Conclusão

Segundo Lispector, “a mulher”, por viver em uma sociedade, tem de seguir suas leis “quer as ache certas ou erradas”. Os valores e a moral prescritos pela escritora revelam a preocupação em não ultrapassar demais os limites da identidade feminina, medindo-a com doses de tradicionalidade e modernidade. Essa é a marca desses textos, que trazem consigo a importância adquirida pelo individualismo nesse período. O paradoxo cultural não

se circunscreve apenas nas questões tradição *versus* modernidade, mas aparece complexificado no indivíduo, que ora deve apresentar valores singulares, ora deve se uniformizar na sociedade. Ambos paradoxos expressam nada mais que o tempo histórico, quando as transformações sociais e econômicas atingem objetivamente no que se acreditava determinado e determinante: as identidades de gêneros tradicionais, mais enfaticamente a feminina. Mesmo diante de discursos de gêneros hegemônicos, uma nova fase se iniciou, possibilitando transformações fundamentais nesse entendimento que reverberam até a atualidade. A autora atribui novas características à “mulher” idealizada como padrão hegemônico, se contrapondo, e, de certa forma, rompendo com uma “mulher tradicional” nos parâmetros das gerações que a antecederam.

Frente à transformação urbana e tecnológica, a busca para se manter “mulher” retorna para o próprio corpo, onde acreditava ser morada desses elementos mais essenciais femininos. Esses elementos que formariam o verdadeiro “ser mulher” estariam acessíveis àquelas que utilizassem a seu favor as novas tecnologias e as que acompanhassem as transformações sociais, como a inserção no mercado de trabalho. Assim, há uma afirmação de uma “mulher moderna”, atuante na sociedade, podendo também refletir acerca do sistema cultural que estava inserida.



Lista de ilustrações:



FIGURA 1 - Foto datada do período da Segunda Guerra Mundial que mostra a participação de mulheres nas fábricas. (página 2)



FIGURA 2 – Propaganda americana que valorizava a participação feminina no mundo do trabalho. (página 2)

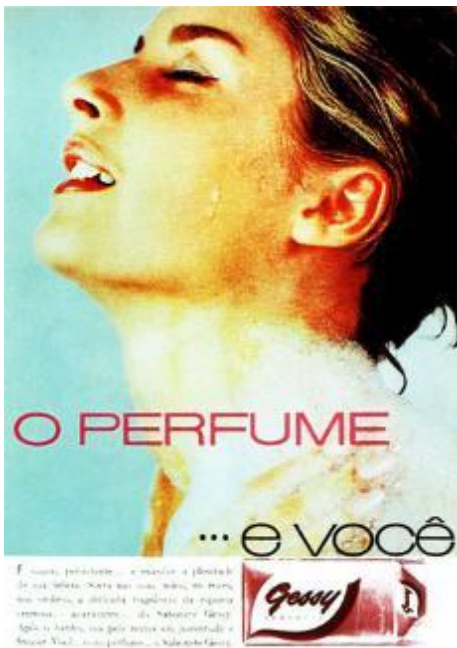


FIGURA 3 - Propaganda de sabonete da década de 60 direcionada ao público feminino, ressaltando a figura feminina e o prazer de se cuidar. (página 3)



FIGURA 4 - Ilustração de Lispector para sua coluna de dicas de beleza (LISPECTOR, 2006: 25). Destacamos a semelhança com a propaganda acima (figura 3), pois, em ambas, o rosto feminino se realça, transmitindo satisfação de estar consigo mesma. (página 3)

NOTAS

*Alunos hoje formandos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Na época do envio do artigo estavam no 8º período da graduação. Email: carolpcouto@gmail.com e artpec@gmail.com

[1] Entendemos por gênero hegemônico um padrão ideal de comportamento, postura corporal e aparência física que constitui um modelo mais naturalizado socialmente e que é, conseqüentemente, mais aceito. Compreendemos no entanto, que em toda sociedade também há dissenso, o que indica a possibilidades de haver multiplicidades para além dos padrões ideais. Nesse sentido, o gênero hegemônico pode servir como base comparativa para a avaliação dos outros gêneros, seja na tentativa de aproximação ou oposição desse padrão.

[2] Segundo Velho, “A não-linearidade e multidimensionalidade dos processos socioculturais é maximizada nos centros urbanos cuja principal característica é a geração de estilos de vida e visões de mundo diferenciadas que, no limite, levam à experiência de fragmentação. Esta não é um impedimento á vida social, mas uma característica marcante, até certo ponto inédita, da modernidade”. (1995: 10)

[3] Nessa citação o trecho “na pele outra vez clara e macia” (p.14) poder gerar indagações quanto a existência de um teor racista. Não desejamos evitar as discussões nesse sentido, mesmo porque é possível que haja sim algum cunho racista nessa postura, mesmo que não intencional. Mas tendemos a interpretar que a autora desejava enfatizar a clareza da pele no que se refere a uma pele sem manchas, homogênea em cor.

[4] Os estudos históricos foucaultianos ressaltam que a vida biológica e as questões de saúde tornaram-se pontos fundamentais de um controle regulador a partir o século XVIII, quando o Estado apoia-se numa bio-política para conter de forma mais eficaz a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: Lins, Daniel (Org.): **A dominação masculina revisitada**. São Paulo: Papirus, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **História da sexualidade I: vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LUTZ, Catherine A. Engendered Emotion: Gender, Power, and the Rhetoric of Emotional Control in American Discourse. In: **Language and the Politics of Emotion**, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, vol. 2, 1974.

NUNES, Aparecida Maria. **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ROSALDO, Michelle. Toward an Anthropology of Self and Feeling. In: **Culture Theory - Essays on Mind, Self, and Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentados para uma história do corpo no Brasil. In: **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SARTI, Cyntia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 16, p. 35-50. Maio-Agosto. Semestral. 2004. <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>> Acessado em: 16 março. 2009.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos Históricos**. v. 8, n. 16, p. 227-234. Setembro. 1995. Semestral. <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/175.pdf>>. Acessado em: 7 março. 2009.